

Catherine Malabou: plasticidade e metamorfose da inteligência

Catherine Malabou: plasticity and
metamorphosis of intelligence

Luiz Felipe Netto de Andrade e Silva Sahd

<https://orcid.org/0000-0001-8940-1545> – E-mail: felipesahd@yahoo.com.br

RESUMO

Por meio de uma leitura original e extraordinariamente frutífera da concepção hegeliana de negatividade, Catherine Malabou desenvolveu o conceito de plasticidade, no qual continua trabalhando como um de seus conceitos cardeais até hoje. Neste artigo, discutiremos e contextualizaremos a noção de plasticidade e os seus desdobramentos na metamorfose da inteligência no pensamento de Malabou.

Palavras-chave: Plasticidade. Dialética. Inteligência Artificial. Epigênese.

ABSTRACT

Through an original and extraordinarily fruitful reading of the Hegelian conception of negativity, Catherine Malabou developed the concept of plasticity which she keeps working on as one of her cardinal concepts even to this day. In this article, we will discuss and contextualize the notion of plasticity and its implications in the metamorphosis of intelligence in Malabou's thought.

Keywords: Plasticity. Dialectics. Artificial Intelligence. Epigenesis.

Introdução

Em sua introdução à tradução para a língua portuguesa de *Ontologia do acidente: ensaio sobre a plasticidade destrutiva*, Moysés Pinto Neto enaltece a iniciativa sem deixar de lamentar o aparecimento tardio no cenário filosófico brasileiro do pensamento de Catherine Malabou¹. Na época da excelente tradução de Fernando Scheibe (2014), tratava-se do último texto em formato de livro da filósofa francesa, mas de lá para cá, outros textos vieram a lúmen, o último deles foi o instigante e provocativo *Au vouler! Anarchisme et philosophie*². Publicado em 2022, pode-se ler o último trabalho de Malabou como a história de um mal-entendido: aquele que está ligado à anarquia e ao anarquismo. É certo que essas palavras provocam certa confusão. Durante muito tempo e ainda por vezes sinônimo de caos e desordem, passaram desde o século XIX a designar também um movimento político organizado – nas mais variadas formas – e um ideal social do qual Élisée Reclus diz ser pelo contrário “a mais alta expressão da ordem” (Reclus). E como se não bastasse esta ambiguidade, o anarquismo, por definição anti-Estado, é hoje por vezes associado a formas de desregulamentação e afastamento do Estado³. Esse “polimorfismo do anarquismo”, porém, encontra-se agravado por aquilo que constitui o assunto do livro, as maneiras como certos filósofos contemporâneos recentemente assumiram o conceito de “anarquia”, sem reivindicarem serem eles próprios anarquistas, engajando-se assim na “forma paradoxal de uma anarquia sem anarquismo” (MALABOU, 2022, p. 34)⁴.

No entanto, antes de *Au vouler!*, Malabou publicou a segunda versão de *Métamorphoses de l'intelligence. Du QI à l'IA*, livro que faz parte da continuidade e transformação da obra da autora. Trata-se de continuar o trabalho de conceituar a plasticidade a partir de sua ancoragem cerebral já estabelecida⁵ e de transformar esse conceito confrontando sua relevância com as mais recentes e futuras tecnologias computacionais. Para compreender como se realiza esta aventura do sentido da plasticidade, convém recordar que Malabou se interessa pela história dos conceitos que, por um lado, encontram o seu sentido no desenvolvimento das ciências positivas e obrigam a filosofia a criticar a fundamentação idealista das dicotomias que estruturam seu discurso. Esses conceitos, como o de trauma⁶, têm a particularidade de corresponder a uma realidade que não se reduz nem à mente, nem ao corpo, nem às estruturas formais, nem às estruturas materiais, ou seja, nem ao transcendental nem ao empírico. Ao questionar o con-

¹ Por iniciativa do professor Judikael Castelo Branco, um número dedicado a Catherine Malabou foi publicado no periódico *Perspectivas* da Universidade Federal do Tocantins em 2024. Número organizado por Antonio Frank Jardilino Maciel e Moysés Pinto Neto.

² *Métamorphoses de l'intelligence. Du QI à l'IA* (2021). *Les Nouveaux Blessés. De Freud à la neurologie: penser les traumatismes contemporains* (2017, 2. ed.). *Avant demain. Épigénèse et rationalité* (2014).

³ Confusão que Malabou estranhamente alimenta, mesmo quando fala de um “anarquismo de fato” (em oposição ao “anarquismo do despertar”) para designar a anomia de um mundo social “condenado a uma horizontalidade de abandono”, ou a “virada anarquista do capitalismo”, o anarquismo de Donald Trump, “ciber-anarquismo” e “anarquismo de mercado” (MALABOU, 2022, p. 16-19).

⁴ À vista disso, a ontologia na qual o anarquismo deve reposar, ou na qual o anarquismo consiste, é literalmente sem princípio (*an-arkhé*): é então, diz Malabou, uma “ontologia plástica” (MALABOU, 2022, p. 389). “A única forma política que, não depender de nenhum começo ou comando, tem sempre que se inventar, se moldar antes de existir, o anarquismo nunca é o que é. Isso é o que ele é. Essa plasticidade é o sentido de seu ser, o próprio sentido de sua pergunta” (p. 389). Ressaltando que a ideia já está presente em Bakunin, que define o anarquismo como uma “força plástica” em que “nenhuma função se petrifica, se fixa e permanece irreversivelmente ligada a uma pessoa” (BAKUNIN citado por MALABOU, 2022, p. 388), erige, portanto, plasticidade à paradoxal nível de princípio ontológico do anarquismo. Ao contrário de um sistema metafísico definido e fechado, esse anarquismo ontológico é ao mesmo tempo flexível e plural, aberto e múltiplo, irredutível a um princípio único e hegemônico, mas tecido e disperso entre os diferentes pontos de um “arquipélago filosófico” (p. 387). Anarquismo é pluralismo.

⁵ A questão da plasticidade neuronal já está no horizonte de seu primeiro trabalho dedicado ao conceito de *Plasticität* na obra de Hegel (MALABOU, 1996, p. 255-256, n. 2), mas afirma-se em particular em *Que faire de notre cerveau?* (MALABOU, 2004).

⁶ Ao mesmo tempo em que as *Métamorphoses de l'intelligence* (primeira versão de 2017) surge a nova edição de *Les nouveaux blessés. De Freud à la neurologie: penser les traumatismes contemporains* (2017).

ceito de inteligência, a autora persegue esse trabalho de desconstrução. A análise histórica das metamorfoses da inteligência permite-lhe confirmar dialeticamente o seu método que consiste em definir formalmente um conceito pela sua plasticidade, isto é, pelas metamorfoses históricas que a sua forma original já ocultava, e pôr em causa este método questionando a sua inteligência que até então visava depurar o conceito de plasticidade daquilo que as análises científicas poderiam dizer sobre ela.

À vista disso, limitar-me-ei neste artigo ao tratamento do conceito central de plasticidade, um pensamento de como estruturas e formas de vida antes consideradas rígidas são de fato “plásticas” e em constante mutação e transformação. Assim, Malabou primeiro desenvolve a plasticidade como um conceito na filosofia de Hegel⁷. Descobrindo a incontrolável lógica criativo-destrutiva da plasticidade no cerne da própria dialética hegeliana, Malabou procura demonstrar que o sistema hegeliano não é totalizante e sem futuro, mas maleável e dinâmico em sua abertura ao novo e ao imprevisto. Malabou então descobre uma plasticidade da mudança em Heidegger e figura a plasticidade como uma resposta à desconstrução derridiana e como uma sucessora das lógicas filosóficas da escrita e inscrição em *La plasticité au soir de l'écriture. Dialectique, destruction, déconstruction*, o tempo todo implantando plasticidade como uma força metabólica para a transformação e abertura das estruturas filosóficas dominantes do pensamento continental.

Seguindo sua elaboração filosófica, Malabou põe em contato o conceito de plasticidade com as articulações científicas da plasticidade da vida orgânica. Mais recentemente, Malabou expande seu pensamento sobre a plasticidade do cérebro para a vida orgânica de forma mais ampla, argumentando que a biologia tem sido reprimida e ocultada pela filosofia por muito tempo. Em *Avant demain. Épigenèse et rationalité*, Malabou explora a pesquisa atual em epigenética em relação ao próprio relato de Kant sobre a “epigênese” da razão. Para Malabou, a descoberta na epigenética de que os organismos não são simplesmente “fixados” por seu DNA nos permite reconceitualizar o transcendental na filosofia como um tecido orgânico, mutável e sem âncora. Mudando a diferença explora formas de vida plástica e epigenética humana e animal em relação a questões de feminismo, gênero e essência, enquanto *La Chambre du milieu* aborda a medicina regenerativa e a pesquisa com células-tronco. O trabalho mais recente de Malabou, *Métamorphoses de l'intelligence*, investiga novas inovações biotecnológicas e tecnocientíficas, perguntando que novas formas de plasticidade estão sendo criadas na proximidade cada vez maior entre a vida orgânica e a tecnologia, como na inteligência artificial. No Prefácio à edição “Quadrige” da PUF, Malabou insiste na necessidade de se pensar o papel da IA ao fazer um paralelo com a frase de Christopher Bollas sobre a psicanálise: *unthought known* (BOLLAS, 2017 citado por MALABOU, 2021, p. I). Além disso, “o perigo não está nas máquinas, mas nos homens” (p. VIII). Deve-se levar à sério o duplo discurso manipulador de personagens como Elon Musk,

⁷ Malabou sustenta ao longo de sua obra que o próprio conceito de plasticidade é plástico. Gregor Moder argumenta que a plasticidade elaborada em *L'avenir de Hegel* descreve mais prontamente um “pacote” de múltiplas “plasticidades” em vez de um conceito singular (MODER, 2015, p. 813-829). Ao realizar uma leitura original e extraordinariamente frutífera da concepção hegeliana da negatividade, Catherine Malabou desenvolveu o conceito de plasticidade, que ela continua trabalhando como um de seus conceitos cardeais até hoje. Engajando-se na problemática da unidade em Hegel, o artigo assume a tarefa de tentar responder à questão se a plasticidade é uma ou se existem várias plasticidades. O autor defende que se deve ter cuidado para não reduzir o múltiplo inerente à plasticidade a uma única plasticidade que se torna a plasticidade por excelência: a plasticidade da explosão plástica, da ruptura abrupta e absoluta, a distinguir de uma plasticidade criativa ou plasticidade produtiva do hábito. Malabou afirmava que Hegel era – ao contrário da leitura de Deleuze – um filósofo da multidão conceitual como uma multidão que não pode ser reduzida a apenas uma imagem, a imagem da unidade. Se isso for verdade, então o próprio conceito de plasticidade com o qual ela apreendeu a essência da dialética de Hegel, deve ser entendido pelo menos como uma “unidade em conflito”, senão como uma unidade inorgânica, não homogênea, composta – e talvez até como “uma unidade do pacote” [“a unity of the pack”] (MODER, 2015, p. 828).

uma espécie de “bombeiro piromaníaco”, cria cenários catastróficos sobre o desenvolvimento da inteligência artificial ao mesmo tempo que é um dos seus promotores mais poderosos (p. VIII). Uma maneira de controlar a partir de seus próprios interesses o desenvolvimento da IA. Assim, a perda “inteligente” de controle possibilita dois cenários: o primeiro, mais conhecido, as máquinas vencem, cenário da “ciência-ficção” defendido por aqueles que detêm o controle e buscam resguardá-lo; o segundo, parece ser uma renúncia à forma de poder individualista competitivo dominante no universo cibernetico. Trata-se da “construção democrática da inteligência coletiva” (MALABOU, 2021, p. IX).

O conceito de plasticidade

Em *La plasticité au soir de l'écriture*, Malabou relembrava sua trajetória intelectual e tenta esclarecer a relação precisa entre suas próprias investigações filosóficas e as fontes cruciais nas quais ela se baseou principalmente, a saber, a dialética hegeliana, a “destruição” heideggeriana, e o projeto de desconstrução de Derrida. Nesse processo, ela também se compromete a dar um passo além da complexa constelação dessas três fontes, defendendo uma filosofia da plasticidade que pode, ao mesmo tempo, assumir e transformar as práticas de dialética, destruição e desconstrução no que ela descreve como uma “leitura plástica”. Como a desconstrução é a mais recente dessas fontes, não é de surpreender que sua defesa de uma filosofia da plasticidade adquira um contorno particular em contraste com a filosofia da desconstrução: a filosofia da plasticidade começa quando o tempo da desconstrução se aproxima do fim. Nesse contexto, Malabou propõe várias noções – como plasticidade, forma e metamorfose – que pretendem transformar o legado de conceitos-chave desestrutivos – como escrita, traço e *différance*. Além disso, a noção de “leitura plástica” é oferecida como uma nova forma de abordar os textos, que visa produzir uma “metamorfose da leitura desestrutiva” (MALABOU, 2010, p. 52). Nas observações seguintes, gostaria de esclarecer alguns dos conceitos-chave que Malabou propõe, antes de prosseguir para discutir o método particular de leitura e a apropriação associada da tradição filosófica que ela promove; e, finalmente, gostaria de abordar a maneira particular pela qual a autora apresenta esses conceitos e esse método filosófico específico ao leitor.

O conceito, ou mais precisamente falando o “esquema” (MALABOU, 2010, p. 12), que basicamente informa o pensamento de Malabou, é o de “plasticidade”. Malabou desenvolveu inicialmente essa noção por meio de uma leitura de Hegel na qual ela tentou mostrar que a concepção de subjetividade de Hegel pode ser essencialmente descrita como um personagem “plástico”⁸. Nesse contexto, “plasticidade” implica a combinação de três momentos: a capacidade de receber a forma, a capacidade de doar a forma e a capacidade de anular a forma⁹. Nesse sentido, a plasticidade descreve o caráter constitutivo de algo que se situa entre os extremos da rigidez e da pura flexibilidade. Pois algo que é incapaz de tomar forma porque adere rigidamente ou retorna elasticamente à sua forma original, não pode ser descrito como plástico (MALABOU, 2005, p. 8; MALABOU, 2008, p. 15). Por outro lado, algo que não preserva nenhuma forma particular, mas assume as mais diversas formas ao mesmo tempo (polimorfia) ou uma após a outra (flexibilidade), também não pode ser descrito como plástico (MALABOU, 2008, p. 12). A plasticidade situa-se assim entre a mera maleabilidade e a intratabilidade rígida, entre

⁸ Esta foi originalmente uma tese de doutorado escrita sob a direção de Derrida, que foi publicada pela primeira vez como *L'avenir de Hegel* (MALABOU, 1996).

⁹ Este último aspecto é destacado pelo verbo francês “plastiquer” que Malabou regularmente aponta: “destruir” algo através de explosivo plástico.

a polimorfia e a restrição a uma forma específica. A plasticidade ocupa esta posição intermediária na medida em que tudo o que é verdadeiramente plástico deve sempre ser capaz de receber e dar forma ao mesmo tempo.

O “sujeito” é plástico precisamente no sentido de que é tanto receptivo quanto espontâneo: “ao mesmo tempo o doador e o receptor de sua própria forma” (MALABOU, 2005, p. 118). No caso do sujeito, isso se realiza de tal maneira que o sujeito *dá forma a si mesmo*. Um sujeito é algo que recebe aquela forma que ele dá a si mesmo. A negatividade abrigada pelo conceito de plasticidade permite uma visão específica sobre o caráter da autodeterminação aqui em questão. Pois a capacidade de receber e doar forma também envolve essencialmente um poder de extinguir processos (anteriores ou diferentes) de formação e, portanto, está relacionada à possibilidade de anular a forma – ou seja, ao que Malabou descreveu como “o lado explosivo da subjetividade” (MALABOU, 2005, p. 187). Em termos do esquema de plasticidade, portanto, a forma só existe como uma transformação de alguma forma anterior e, portanto, sempre apenas como um processo de anulação da forma.

O conceito de plasticidade está assim intrinsecamente ligado a um conceito específico de transformação e a uma concepção complexa do dado. Aquilo que é plástico revela-se através da recepção e doação da forma, ou seja, essencialmente através da troca e transformação da forma. Malabou enfatiza que a metamorfose desse tipo implica não apenas um certo deslocamento de elementos, mas a transformação real de uma forma em outra e, portanto, envolve um conceito desafiador e enfático de mudança que se diz iludir a prática da desconstrução (MALABOU, 2010, p. 47). Uma concepção particular de doação, de forma atual ou atual, corresponde ao conceito de transformação implicado no de plasticidade: se algo possui forma plástica, ele o faz precisamente no sentido de que continuamente preserva tal forma, ou continuamente se transforma no que isso é. A forma não é, portanto, simplesmente um dado estático (nem um tipo ideal nem uma instanciação corpórea de tal tipo), mas sim a origem e o produto de um processo de reformulação e reforma.

O conceito que é apresentado aqui certamente implica uma concepção impressionante de forma, formação e cultivo, e que promete insights significativos para nossa compreensão de seres autodeterminados (MALABOU, 2005; BUTLER; MALABOU, 2010). Mas em seu livro *L'avenir de Hegel. Plasticité, temporalité, dialectique* (1996), Malabou já estava claramente interessada em empregar esse conceito para além de qualquer campo particular ou limitado, transformando-o efetivamente em um “conceito abrangente que pode ‘apreender’ (*saisir*) o todo” (MALABOU, 2005, p. 5). Em seus escritos posteriores, Malabou se comprometeu a estender e rearticular esse conceito central, no que diz respeito à plasticidade do ser em Heidegger, por exemplo (MALABOU, 2004), ou à plasticidade do cérebro na neurofisiologia contemporânea (MALABOU, 2008). No texto que estamos discutindo aqui, ela proclama categoricamente a plasticidade como a palavra de ordem apropriada da época, como a “ferramenta exegética e heurística mais produtiva de nosso tempo” (MALABOU, 2010, p. 57), como a “figura paradigmática da organização em geral’ através do qual a organização material do pensamento e do ser semelhante deve ser efetivamente caracterizada” (MALABOU, 2010, p. 61). Neste sentido, defende que o conceito de plasticidade está aqui sujeito a um certo “alargamento” (MALABOU, 2010, p. 24), ou a uma “amplificação ou incremento ontológico” (MALABOU, 2010, p. 13), como já no caso da “escrever” com Derrida, ou no caso do “tempo” com Heidegger. De uma forma que lembra o lema desconstrutivo *Il n'y a pas d'hors-texte*, parece que para Malabou não há nada fora ou além da plasticidade: “nada acontece exceto a autotransformação” (MALABOU, 2010, p. 44).

Se a forma de organização do ser e do pensamento como um todo é de plasticidade e não de textualidade, então a abordagem de Malabou, em contraste com a de desconstrução, implica uma certa reorientação para uma filosofia de imanência (MALABOU, 2010, p. 39) e uma certa reabilitação da ideia de presença (MALABOU, 2000, p. 24; MALABOU, 2010, p. 9): o que é dado no ser e no pensamento aparece como *forma* e, nesse sentido, como presença de um tipo particular – e não apenas como um *traço* de algo sempre já ausente. E o que é dado no ser e no pensamento sempre aparece como uma transformação de outra forma de ser e pensar, e nunca, portanto, como dependente de algo totalmente transcendente ao ser e ao pensamento. Agora, as limitações da desconstrução foram vistas com bastante frequência em sua alegada incapacidade de reconstruir o positivamente dado de qualquer maneira plausível devido a essa ênfase na ausência e em sua dependência dos traços irrecuperáveis, mas decisivos, do “totalmente Outro”. Em certo sentido, portanto, Malabou também pertence àquele grupo particular de críticos que afirmam que o pensamento de Derrida foi afetado negativamente por sua relação com Levinas – por meio da concepção do rastro, do conceito do Outro, das figuras da expectativa messiânica, etc.¹⁰

Deixe-me agora abordar a segunda questão, que diz respeito ao procedimento particular adotado na leitura e apropriação da tradição por Malabou, um procedimento que é organizado pelo esquema de plasticidade. Quando examinamos de perto o procedimento real adotado em suas leituras, é impressionante a frequência com que ela começa com conceitos operativos dos textos em questão, em vez de conceitos que ocupam o centro temático da atenção, e então procede a partir dessa perspectiva para desenvolver uma visão distintamente compreensão transformada das filosofias em discussão. Isso é o que acontece no caso de Hegel, cujo conceito de subjetividade é reconstruído por referência a um uso hegeliano bastante ocasional do termo adjetivo “plástico”, e também no caso de Heidegger, cujo conceito de ser é reconstruído como “nada além de sua mutabilidade” (MALABOU, 2010, p. 43) por referência aos três termos relacionados *Wandel* (mudança), *Wandlung* (transformação) e *Verwandlung* (metamorfose). Na proximidade de um procedimento característico de leitura desconstrutiva, que muitas vezes parte de traços ou distinções aparentemente marginais nos textos em discussão, as leituras “plásticas” de Malabou também se desenvolvem a partir de uma posição marginal, que, no entanto, acaba por constituir um campo conceitual ou chão “metabólico” (MALABOU, 2010, p. 31) que é central para a gênese e motivação da filosofia em questão. Esse ponto ou posição marginal nos permite desenvolver uma compreensão transformada da filosofia em questão. E aqui, Malabou está enfaticamente interessada em oferecer uma compreensão transformada e positiva da filosofia relevante, uma teoria nova e positiva que foi extraída do texto que está sendo lido. Isso significa que os textos da tradição filosófica não são simplesmente transmitidos de acordo com suas interpretações ortodoxas. Pelo contrário, uma leitura “plástica” procura e explora produtivamente a distância que o leitor consegue adquirir através desta aproximação lateral ao texto. Ao mesmo tempo, esse distanciamento é empregado para transformar a posição filosófica no centro da leitura, em vez de simplesmente criticá-la ou superá-la.

Segundo Malabou, esse procedimento de leitura transformadora difere da abordagem dialética na medida em que esta tende a entender as concepções filosóficas anteriores como expressão de formas de espírito que já foram (ou estão destinadas a ser) superadas. Uma leitura “plástica”, por outro lado, tenta entender os textos da própria tradição como o potencial para sua própria transformação. Esse procedimento também difere da noção heideggeriana de “des-

¹⁰ Outro representante desse grupo é Slavoj Zizek, que afirma que a filosofia desconstrutiva deveria renunciar a todo esse discurso do “Outro” e se preocupar apenas com o conceito fundamental de *différance* (ZIZEK, 2006, esp. p. 233).

truição" na medida em que não se compromete simplesmente a desmantelar a tradição para que o conteúdo supostamente obscurecido e esquecido possa ser exposto e recuperado, mas sim tenta produzir algo novo e original. A relação entre esse procedimento "plástico" e o da filosofia desestrutiva é mais complexa. Por um lado, Malabou distingue expressamente suas próprias leituras "plásticas" de um certo tipo de leitura "desestrutiva"; por outro lado, a própria noção "plástica" de leitura parece pressupor uma certa fase desestrutiva ou estágio de análise. O que Malabou procura especificamente distanciar-se são aquelas formas de desestruturação que se entregam a leituras puramente críticas ou sintomáticas precisamente para demonstrar como um determinado autor permanece sempre, em última análise, enredado numa metafísica da presença. Como diz Malabou: "Não é mais o momento de oferecer leituras 'desestrutivas' deste ou daquele filósofo ou de identificar questões de presença em seu corpo de trabalho" (MALABOU, 2010, p. 52). Malabou sugere, em vez disso, que empreguemos a desestruturação como um estágio no caminho para uma leitura transformadora da tradição. Em outras palavras, a leitura "plástica" deve revelar a forma que se revela em um texto uma vez que ele foi submetido e respondeu à sua própria desestruturação – uma forma que não é meramente a ruína ou resto mortificado do sistema anterior. do pensamento, mas aquilo que se "relança" para além da desestruturação a que foi exposto. Em uma frase interessante, Malabou expressa sua intenção positiva da seguinte forma: "É uma questão de mostrar como um texto vive sua desestruturação" (MALABOU, 2010, p. 52). Certamente parece possível defender a tese de que uma compreensão vigorosa e desafiadora da desestruturação já poderia ter definido o propósito último da leitura desestrutiva em termos muito semelhantes, a saber, como uma tentativa de revelar as tensões que constituem o elemento em que uma determinada forma de pensar vidas. Se a desestruturação não é simplesmente uma questão de crítica, mas sim, como Derrida enfatizou constantemente desde o início, um empreendimento afirmativo, então parece implausível sugerir que ela estava preocupada apenas em destruir ou desacreditar a tradição filosófica, revelando as aporias que ela abriga. Pode-se entender a desestruturação, em contraste, como uma prática preocupada em revelar certas aporias essenciais que, embora ocultadas por correntes dominantes de nossa tradição filosófica, ainda continuam a definir e constituir nossas práticas. Desconstruir uma filosofia seria, então, revelar tais "infraestruturas" aporéticas, permitindo-nos assim reconhecê-las de uma nova maneira e agir no mundo com uma consciência mais profunda e abrangente dessas tensões. Tal abordagem permitiria, então, uma transformação que não consistiria nem em uma "supressão" dialética direta dessas tensões, nem em sua "destruição" ou dissolução ontológica, ou ainda na simples substituição de alguma forma de pensamento anterior por uma nova em vez. Seria antes um processo de compreensão mais profunda e uma nova possibilidade de animar nossa própria "forma complicada de vida". Devemos levantar a questão se a concepção "plástica" de leitura de Malabou, que se apresenta como uma "metamorfose da leitura desestrutiva" (MALABOU, 2010, p. 52), persegue um objetivo semelhante, ou se ela realmente deseja se distanciar da prática da desestruturação mesmo quando é entendida dessa forma transformadora. No esforço de Malabou para fornecer um resultado positivo que pode surgir após o trabalho de desestruturação e, de fato, em seu cansaço abertamente confessado em relação à busca incessante de aporias (MALABOU, 2010, p. 17), pode-se supor que ela também deseja se distanciar de uma desestruturação no sentido acima mencionado, e que ela busca algo mais do que uma transformação do pensamento que é basicamente realizada pelo recurso à exploração de aporias subjacentes. E isso também se expressa seguramente quando ela considera a possibilidade de apreender seu conceito fundamental de plasticidade como origem ontológica da dialética (MALABOU, 2010, p. 36). Assim, de acordo com essa constelação de pensamento, o que encontramos não é uma justaposição irredutível

de termos, nem simplesmente uma constelação de várias tensões, mas a ideia de um fundamento que torna essas tensões possíveis em primeiro lugar. Embora a plasticidade – assim como as infraestruturas desestruturativas familiares de suplemento, farmacologia e iterabilidade – abrigue uma certa tensão interna (neste caso, aquela entre receptividade e espontaneidade, ou entre forma e explosão da forma), a noção de plasticidade ocasionalmente assume o caráter de uma nova substância ou novo sujeito, isto é, o caráter de algum fundamento último.

Gostaria de concluir essa seção com algumas observações sobre a estratégia de apresentação de Malabou. Em *La plasticité au soir de l'écriture*, ela emprega principalmente duas formas de estilo para explicar os conceitos básicos e o novo tipo de leitura filosófica que propõe. Por um lado, ela relata sua própria “biografia intelectual”, enquanto, por outro, ela oferece um enfático “manifesto”. O percurso de pensamento percorrido pela autora permite-lhe contar o desenvolvimento das reflexões filosóficas que, na sua perspectiva, conduziram a um novo conceito de plasticidade. Mas ao referir-se explicitamente aos sinais do tempo, ela também defende a concepção de plasticidade que “afirmou-se gradualmente como o estilo de uma época” (MALABOU, 2010, p. 1). Ambas as estratégias de apresentação procuram sublinhar a pertinência e ubiquidade do esquema da plasticidade, mas também expõem este conceito a um certo perigo: o perigo de o próprio conceito se tornar polimorfo. Ao ler *La plasticité au soir de l'écriture*, em contraste com os livros anteriores de Malabou, não nos deparamos com o exame detalhado de um determinado autor ou problema específico em que o conceito de plasticidade pode adquirir contornos concretos e pode ser desdobrado plasticamente no sentido de receber e doar forma. Pois aqui nos deparamos com uma gama de análises condensadas e alusivas a respeito de muitas autorias diferentes (Hegel, Heidegger, Derrida, Levinas, Lévi-Strauss, Lyotard, Barthes e Freud) e de muitos campos diversos (das máscaras ritualísticas ou transformacionais à poder transcendental da imaginação, da história da metafísica à estátua de Moisés de Michelangelo), todos os quais servem em rápida sucessão para imprimir formas muito diferentes e variadas à noção de plasticidade.

Quando consideramos as reflexões em conjunto, fica claro que o esquema da plasticidade de fato informou várias leituras originais. Mas se essas investigações específicas parecem bem-sucedidas, isso parece depender do fato de que o termo “plasticidade” surge do contexto específico que está sendo analisado e do fato de que o conceito de plasticidade é reespecificado em cada caso particular. leitura. É precisamente esta especificação que nos permite ver o que foi realmente elucidado, o que foi recentemente revelado, o que foi compreendido de forma nova e diferente, através da introdução e aplicação do conceito de plasticidade. No entanto, a alegação que é avançada no presente texto – a saber, que a plasticidade é um “esquema motor” universal que supostamente informa as concepções e práticas de nosso tempo como um todo – abandonou, de fato, tal especificação em termos de uma definição mais precisa. contexto de problemas, sem indicar claramente o que deve substituir esta especificação. Independentemente do fato de que se deve primeiro aceitar a afirmação de que tal esquema motivador está por trás da experiência de nosso tempo, ainda devemos enfrentar o problema de que não se pode dizer diretamente o que significaria precisamente para que isso fosse verdade. Pode ser correto definir a tarefa da filosofia como “seu próprio tempo apreendido em pensamentos”. Mas ainda devemos perguntar se chegamos mais perto de cumprir essa tarefa proclamando um novo meta-esquema, ou apenas compreendendo o próprio tempo através do trabalho contínuo e em cada caso específico de localizar e descrever problemas e constelações individuais.

As metamorfoses da inteligência

Na introdução de *Métamorphoses de l'intelligence*, a autora justifica a importância de seu objeto: desde sua origem a filosofia defendeu a essência de seu discurso situando-o do lado da inteligibilidade pura como se fosse o princípio da inteligência encarnada. Assim, a faculdade da razão como objetivo do universal poderia ter sido reservada à filosofia contra qualquer redução ao dado empírico. O nascimento da psicologia e dos experimentos psicométricos destinados a quantificar a inteligência levaram a filosofia a especificar sua defesa usando o conceito de inteligência como um contraste em favor de uma forma superior de intelecto. Malabou vê nessa estratégia uma negação da relevância do conceito psicológico de inteligência e se propõe a analisar sua história não defensivamente em oposição ao conceito de razão ou intuição, mas com vistas a “uma determinação da inteligência por si mesma” (MALABOU, 2021, p. 24), entre o biológico e o simbólico. As três partes da obra correspondem sucessivamente às três metamorfoses da inteligência: quantificável e geneticamente determinada, depois constituída por epigenese e assim simulável, por fim, automatizável e desenvolvendo-se entre o biológico, o simbólico e o artificial.

Malabou inicia sua análise histórica descrevendo o contexto científico e filosófico em que surgiu o conceito psicológico de inteligência. Trata-se de identificar a tensão interna à inteligência (tensão que é a razão da sua metamorfose), que as concepções divergentes de Galton e Binet permitem estabelecer segundo três componentes que servirão de fio condutor à análise. Em primeiro lugar, do ponto de vista *ontológico*, Galton tem uma concepção essencialista da inteligência, o que implica fundamentar sua compreensão em um biologismo hereditário, enquanto Binet é mais pragmatista porque busca apreender a inteligência não como resultado, mas em seu devir. Porém, em ambos os casos, Malabou observa que, do ponto de vista *epistêmico*, o objetivo é quantificar a inteligência, o que, *politicamente*, implica a possibilidade de avaliação dos indivíduos levando a formas de normalização ou mesmo seleção na versão ideo-lógica da eugenia promovida por Galton, mas estranha para Binet. A experimentação nazista acabou com a mania da eugenia, mas o desenvolvimento da genética permitiu restabelecer o caráter hereditário da inteligência.

Ao mesmo tempo, a filosofia se organiza para resistir à concepção psicológica da inteligência que, ao corporificá-la no corpo, arruina a possibilidade do pensamento puro. Bergson determina sua ideia orientadora: a forma superior de pensamento é puramente qualitativa e, portanto, impossível de medir ou mesmo de objetivar cientificamente. Malabou indica quatro linhas de resistência que daí decorrem: a função policial da psicologia em Canguilhem, a tematização da biopolítica em Foucault, a crítica da “calculabilidade” em Heidegger e, por fim, a desconstrução da distinção entre inteligência e estupidez em Derrida, esta que conclui com o abandono da questão da inteligência por si mesma, pois a estupidez parte da vontade de uma determinação da essência. Malabou julgará essa resistência irrelevante em relação aos avanços científicos e, portanto, filosoficamente questionável.

O início da segunda parte é uma passagem chave a compreensão da tese de fundo de Malabou. Em coerência com seus trabalhos anteriores, a autora expõe seu método que consiste em aprofundar a desconstrução para pensar, aqui, a inteligência. Trata-se de não mais querer purificar a inteligência de seu oposto, mas de pensá-la dialeticamente “com sua estupidez” (MALABOU, 2021, p. 77), ou seja, com o que a filosofia considerou ser sua impureza biológica (o cérebro) ou cibernética (inteligência artificial). É nesse ponto que se inicia um importante diálogo com Bourdieu funcionando como um fio condutor e que levará a uma radicalização desse método visando não mais negar a questão da incorporação da inteligência sem cair no reducionismo.

A segunda metamorfose da inteligência decorre de uma mudança de paradigma sobre a questão da hereditariedade na biologia, nomeadamente a passagem de uma concepção genética das estruturas cerebrais para uma concepção epigenética que integra o ambiente como fator de expressão de Génova. Malabou compara essa concepção epigenética do futuro do indivíduo com o *habitus* tematizado por Bourdieu, que ela interpreta a partir de Changeux. Dessa forma, torna-se possível pensar as condições do processo de incorporação graças à plasticidade cerebral. Além disso, essa concepção epigenética do desenvolvimento corpóreo da inteligência encontra respaldo em Piaget que, explicitamente, pensa os estágios psicológicos da gênese das estruturas *a priori*. Finalmente, entre a gênese empírica e as estruturas transcendentais, verifica-se que a inteligência consiste numa metamorfose contínua cuja plasticidade dá conta da forma e da epigênese do processo.

Em síntese, a ideia de plasticidade cerebral atesta o novo paradigma epigenético da biologia, o que possibilita pensar um conceito de inteligência que fuja do biologismo e da crítica filosófica. Mas um grande problema aparece no cerne do pensamento da autora: o conceito de plasticidade ainda parece pertencer à crítica filosófica da inteligência porque em *Que faire de notre cerveau?* tratava-se de definir a plasticidade cerebral contrapondo-a à concepção neuroológica, ou seja, em um desejo de purificação filosófica do conceito (MALABOU, 2021, p. 119)¹¹. Nesse sentido, a plasticidade do cérebro permanece em Malabou que escapa à medição científica. É por isso que ela pretende aqui questionar¹² sua postura crítica a partir do conceito de inteligência. Ela é levada a modificar seu método para poder confrontar seu conceito de plasticidade com a questão da inteligência artificial. De fato, se a inteligência procede da plasticidade do cérebro, então a inteligência artificial *a priori* não pode ser considerada como inteligência, e novamente o filósofo opõe a inteligência plástica à inteligência do computador. Para evitar que esse padrão se repita, é preciso suspender a dimensão crítica da plasticidade e entender em que consiste a inteligência artificial.

Ao descobrir o progresso das novas tecnologias de computador, Malabou vê uma terceira metamorfose da inteligência chegando. Primeiro, ela observa que a revolução epigenética na biologia também ocorreu na ciência da computação¹³: os chips sinápticos TrueNorth da IBM, ao simular a arquitetura dos neurônios, podem modificar alguns de seus parâmetros por conta própria, dependendo dos dados que tratam. Nesse sentido, o programa não é mais estritamente determinado por um código-fonte, mas é transformado epigeneticamente por seu ambiente. Os computadores tornam-se “máquinas de plástico” (MALABOU, 2021, p. 109; 117) e esse devir anuncia uma terceira metamorfose que Malabou prevê e que certos filmes de ficção científica tornam aparente. Mas, só um aprofundamento da impureza material da plasticidade com a consideração da inteligência artificial nos permitirá apreender filosoficamente esta nova metamorfose.

A terceira parte do livro encontra os meios para pensar uma inteligência cuja plasticidade daria como certa a terceira metamorfose, a de uma simulação artificial da inteligência. Mais precisamente, isso significa que se trata de aceitar a metamorfose epistêmica de uma inteligência quantificável em direção a uma inteligência calculável, ou seja, uma inteligência automatizada por computador (MALABOU, 2021, p. 125), e de repensar a forma da plasticidade por esse critério.

¹¹ “As conclusões do meu livro *Que faire de notre cerveau?* foram, deve ser dito sem rodeios, falsas”. (MALABOU, 2021, p. 107-108). É por isso que Malabou afirma no prefácio que Metamorfoses da inteligência constitui uma crítica a *Que faire de notre cerveau?* (p. 10-11).

¹² A autocritica faz parte do método plástico, a autora já a praticou regularmente. Veja *La chambre du milieu. De Hegel aux neurosciences* (2009, p. 216); mas também *Les nouveaux blessés. De Freud à la neurologie, penser les traumatismes contemporains* (2007, p. 53).

¹³ “A Inteligência Artificial é, ao mesmo tempo que a biologia, a sua revolução epigenética” (MALABOU, 2021, p. 111).

Por uma ousada reapropriação do pragmatismo de Dewey e em particular do seu conceito de hábito, Malabou explora a tensão interna no sentido do conceito de automatismo (que significa “involuntário” e “por si”; autómato e autónomo). O hábito é o que automatiza a inteligência e possibilita sua transformação porque, na ação, consiste em uma síntese prática de soluções passadas para abrir novas perspectivas por si só permitindo a resolução de um problema atual. Agora, o que é particularmente interessante aqui é que o hábito é automático tanto como repetição de experiências passadas, quanto como síntese dessas experiências para novas possibilidades de ação. A inteligência em ação reside nessa síntese automática de hábitos e permite pensar sem contrapor inteligência, hábito e automatismo. No entanto, se automatismo e inteligência podem ser pensados juntos, então o automatismo computacional dos computadores deve poder ser pensado como pertencente à forma de inteligência.

Com efeito, por meio da leitura de um artigo de David Bates dedicado à plasticidade dos programas de computador baseado, entre outras coisas, no pensamento de Simondon, Malabou comprehende que a necessidade intrínseca do funcionamento dos programas de computador inclui margens de indeterminação no seu funcionamento, que os abre a uma certa contingência. Esta contingência é antes de tudo a causa de perturbações, de interrupção do cálculo, mas certos programas, pertencentes à terceira metamorfose, podem se regenerar e, ainda mais, podem usar esses bugs para se melhorarem, o que pode ser considerado uma plasticidade do programa de computador. Malabou deduz daí que a inteligência é tanto cerebral quanto artificial e, consequentemente, que a plasticidade do princípio da inteligência não deve ser entendida como uma propriedade exclusiva do cérebro ou do programa. Então, outra consequência mais fundamental é extraída disso. Torna-se possível pensar a inteligência não mais como uma propriedade de um ser, mas, pela interação dessas entidades plásticas, como a transformação de um automatismo por sua interação com outros automatismos: a inteligência se desenvolve entre máquinas, entre cérebros e entre cérebros e máquinas. Isso permite sair da oposição homem/máquina para pensar ontologicamente sua diferença em relação à dinâmica da inteligência que “no fim das contas consiste apenas em suas transformações” (MALABOU, 2021, p. 173).

Finalmente, resta o componente político da metamorfose: se a inteligência pode ser automatizada, então ela já é possivelmente controlada pelo poder. Malabou aborda esse ponto partindo de um problema já destacado por Binet, a educação, mas, entendida através da segunda metamorfose, ou seja, epigeneticamente, torna-se o problema da escola como lugar onde se desenvolve uma inteligência coletiva. Graças à tematização de Dewey, esse problema fica mais claro, trata-se de questionar a produção de novos automatismos graças ao trabalho em projetos comuns. Mas como, além disso, pensar na metamorfose de uma escola que deve cultivar uma inteligência que se desenvolve entre cérebros e máquinas? Malabou questiona a dimensão ideológica das respostas atuais que, ao almejar a universalização do conhecimento via internet, se reconnectam com o risco de seleção e normalização. É por isso que se mostra necessário um “diálogo entre as humanidades e as neurociências” (MALABOU 2021, p. 162), que, de forma preliminar, clama por uma releitura da leitura crítica que Foucault propõe de Kant sobre a questão da emancipação pelo conhecimento. Porque, na medida em que essa leitura se baseia na crítica do transcendental, Malabou agora tem os meios para realizá-la. O transcendental não é um quadro que limita as experiências porque se transforma no contato com as realidades empíricas. Essa transformação é histórica para Foucault, mas Malabou especifica que ela é epigenética, ou seja, consiste em uma contingência plástica de inteligência (MALABOU, 2021, p. 165). A condição empírica deve ser levada em conta pelas humanidades (para evitar o idealismo) e, por outro lado, a concepção filosófica da contingência como plasticidade deve ser

levada em conta pelas neurociências (para evitar o positivismo). Assim será possível vislumbrar “novas práticas de autotransformação” (MALABOU, 2021, p. 166).

De forma mais geral, podemos dizer que com este trabalho dedicado ao conceito de inteligência, Malabou desloca sua conceituação de plasticidade: esta não é mais específica do cérebro como órgão da mente, mas constitui um ambiente de transformação onde, por exemplo, a inteligência pode se metamorfosear entre cérebros e máquinas. Ora, isso implica que o conceito de plasticidade é mais um conceito materialista, ou seja, menos de ordem transcendental. O penúltimo capítulo de *Avant demain* (2014), livro anterior de Malabou, já encontrava em Kant o meio filosófico para pensar esta encarnação do transcendental, graças, em especial, ao tema da epigênese, mas sem que o vínculo com o conceito de plasticidade se estabelecesse.

O que importa nesta metamorfose do conceito de plasticidade é que ela se torna impura, isto é, não só em interação, mas em partilha com outras concepções de filosofia e com outras disciplinas. Este passo adicional rumo ao empírico (e ao empirismo) é a condição para que a filosofia da plasticidade desenvolva um discurso crítico à altura das questões filosóficas, científicas e tecnológicas do momento. Mas não podemos esquecer que o objetivo também é político, pois se trata de dotar-se dos meios intelectuais para lutar contra a ideologia que sempre se apodera do primeiro dos conhecimentos e das novas ferramentas e que o discurso filosófico tende a precisar sempre ser justificado. A dificuldade é que com esse novo passo dado, o pensamento da plasticidade torna-se ambíguo (MALABOU, 2021, p. 124): não é mais um escudo filosófico contra a ideologia que hoje consegue construir uma visão alternativa do mundo, ela apenas deseja o amanhã, que a emancipação permanece possível incutindo essa ambiguidade nos discursos. Mas esse desejo parece um tanto desiludido porque é uma aposta no futuro e, portanto, “sem esperança de resposta” (MALABOU, 2021, p. 122).

Em outras palavras, essa questão política da filosofia da plasticidade consiste em colocar de novo a questão marxista que perpassa a obra de Malabou, sobre a linha de crista que uma filosofia materialista deve seguir para escapar da ideologia, entre o idealismo e o empirismo. É neste sentido que Malabou persegue o que poderíamos chamar de “desidealização” da filosofia, até chegar à imanência de um pensamento de metamorfose sob o risco de acabar com perguntas tingidas de desespero: “Podemos ainda acreditar em uma emancipação da inteligência por si só?” (MALABOU, 2021, p. 27-28). Porém, a resposta que devemos adivinhar na conclusão do trabalho é afirmativa. A solução de Malabou para sua tese consistiu em reabilitar, graças ao pensamento da plasticidade, o conceito de forma, contra sua desconstrução por Derrida. Compreendemos aqui, pela tematização da inteligência, que sim, com a plasticidade é possível apreender a identidade de um ser para além da questão do ser, ou seja, não como essência, mas como forma de seu devir. Assim, a questão da forma de inteligência não é formulada “o que é inteligência?” mas “como a inteligência é metamorfoseada?” Ora, isso implica que a filosofia da plasticidade coloca na força metamórfica da vida a razão última da unidade plástica do devir (MALABOU, 2021, p. 174). Em outras palavras, se a inteligência consiste em sua própria metamorfose, é porque ela é para o pensamento uma força vital proveniente da relação epigenética mantida por suas múltiplas dimensões (símbólica, biológica, artificial), e que somente a morte do pensamento poderia interromper (MALABOU, 2021, p. 179). Como corolário, então, entendemos que epigênese é o nome empírico-transcendental para aquela forma de racionalidade vital que é a plasticidade e da qual Malabou continua a sustentar uma dialética materialista da mente¹⁴.

¹⁴ “A inteligência está localizada exatamente entre o transcendental e o empírico” (MALABOU, 2021, p. 25). Nesse ponto, foram decisivas as contribuições da leitura de Kant realizada em *Avant demain*, a partir da questão da vida na 3^a Crítica: “A questão que a

Mais precisamente, o interesse da tematização da metamorfose que este trabalho propõe é ter esclarecido a relação ainda vaga na obra de Malabou entre epigênese e plasticidade, e ao mesmo tempo entre transcendental e dialético. Agora entendemos que epigênese é o nome genético da plasticidade: o que é plástico se metamorfoseia, e essa mudança de forma é epigenética. Ora, não esqueçamos, a condição dialética do pensamento da plasticidade é que o conceito de plasticidade seja plástico. Nesse sentido, é a coerência da obra de Malabou que vai ganhando corpo porque compreendemos agora que a epigênese da plasticidade supõe que é através da sua metamorfose que o conceito de plasticidade encontra a sua forma. No entanto, é preciso lembrar que a metamorfose não é disseminação (dissolução da forma) nem transformação (passagem de uma forma para outra), mas mudança sem interrupção da forma, e para Malabou, mesmo quando a forma não é nada, ainda é uma forma, resiste à sua própria destruição. O desafio dessa dialética materialista é, portanto, pensar a plasticidade da forma do conceito de plasticidade, ou seja, testar sua resistência a ponto de correr o risco de explodi-la para ver o que resiste. Para isso, trata-se de confrontar o sentido filosófico da plasticidade com aquilo que a nega, ou seja, com os fatos, com o real, que os discursos reducionistas mobilizam para esvaziar a filosofia de seu conteúdo.

É preciso medir essa aposta que, no espírito hegeliano de Malabou, e seguindo Derrida, corresponde à resistência da chamada filosofia continental em tempos de certo abandono histórico. A originalidade da estratégia de Malabou consiste em “ver as metamorfoses chegando” antecipando as forças que participam da destruição dessa forma de filosofia, não para desafiá-las antecipadamente, mas para revelá-las agora, ou seja, antes de amanhã, que essa forma é muito plástica e, portanto, resistente. Ao que se deve acrescentar: esta é a sua inteligência, ou seja, a sua astúcia em relação à história.

Considerações finais

Malabou define a plasticidade como a capacidade de dar, receber e obliterar a forma; assim, a plasticidade compreende tanto uma capacidade construtiva, formativa, como se vê nas artes plásticas em que uma escultura assume e mantém uma dada forma, quanto uma capacidade destrutiva, como está implícito em francês para explodir e bombardear, *plastiquer* e *plastiquage*. A filosofia de Malabou envolve uma gama diversificada de disciplinas e contextos.

Ao falhar na definição da inteligência, os psicólogos se comprometeram a medi-la. Após o fracasso dos testes de medição, os biólogos o procuraram nos genes. A genética permanece silenciosa, é o cérebro e seu desenvolvimento epigenético que construíram o novo laboratório da mente. Hoje, a inteligência autoriza sua própria simulação por chips sinápticos. Os programas Human Brain e Blue Brain pretendem mapear o cérebro humano em sua totalidade até um dia produzir uma consciência artificial capaz de se autotransformar acessando seu código-fonte. Deixando de lado qualquer lamento tecnofóbico, *Métamorphoses de l'intelligence* estabelece o diálogo entre autonomia e automatismo, abrindo assim à inteligência o promissor caminho da democracia experimental.

vida põe ao pensamento é a de uma necessidade definida como contingência transcendental” (MALABOU, 2014, p. 296). Além disso, deve-se notar que, se *Métamorphoses de l'intelligence* não entra nesses detalhes técnicos, é em certa medida porque decorre de uma série de três conferências, e a seguinte *Que faire de notre cerveau?* pertence aos trabalhos mais acessíveis de Malabou, assumindo a forma de ensaios com um objetivo político (ao contrário de seus artigos ou monografias onde o cerne de seu pensamento filosófico é mais fundamentalmente elaborado).

Em suma, a forma inquieta que sobrevive à crítica filosófica, que a autora explora com seu conceito de plasticidade, tem suas contrapartes materiais em estruturas socioeconômicas como o capitalismo neoliberal, a ciência da neurobiologia, a teoria e a prática da psicanálise, a experiência e a expressão da subjetividade e da identidade, e a organização política da soberania. Orientado firmemente contra a naturalização desses empreendimentos, a autora nos pede, em vez disso, que vejamos cada instituição engajada com uma espécie de pensamento imanente que fundamenta materialmente suas metamorfoses potenciais. A forma de pensamento hoje, ela argumenta, é ontologicamente plástica; a autotransformação é construída em nossos corpos, permeia nossas possíveis leituras da filosofia e nos promete novas perspectivas sobre a mudança política e social.

Referências

BOLLAS, C. *Hystérie*. Paris: Ithaque, 2017.

BUTLER, J.; MALABOU, C. *Sois mon corps*. Paris: Bayard, 2010.

MALABOU, C. *Au vouler! Anarchisme et philosophie*. Paris: PUF, 2022.

MALABOU, C. *Avant demain. Épigenèse et rationalité*. Paris: PUF, 2014.

MALABOU, C. *La chambre du milieu. De Hegel aux neurosciences*. Paris: Hermann, 2009.

MALABOU, C. *La plasticité au soir de l'écriture. Dialectique, destruction, déconstruction*. Paris: Éditions Léo Scheer, 2005.

MALABOU, C. *L'avenir de Hegel. Plasticité, temporalité, dialectique*. Paris: Vrin, 1996.

MALABOU, C. *Les nouveaux blessés. De Freud à la neurologie, penser les traumatismes contemporains*. Paris: Bayard, 2007.

MALABOU, C. *Métamorphoses de l'intelligence. Du QI à l'IA*. Paris : PUF, Quadrige, 2021.

MALABOU, C. *Ontologia do acidente: ensaio sobre a plasticidade destrutiva*. Tradução de Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.

MALABOU, C. *Que faire de notre cerveau?* Paris: Bayard, 2004.

MODER, G. Catherine Malabou's Hegel: One or Several Plasticities? *Filozofija I Društvo*, v. 26, n. 4, 2015, p. 813-829.

ZIZEK, S. *Parallax vision*. Cambridge: The MIT Press, 2006.

Sobre o autor

Luiz Felipe Netto de Andrade e Silva Sahd

Doutor em Filosofia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Titular de Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC).